

**30 de setembro a 4 de outubro**  
Ponta Grossa - PR - Brasil

**FORMAÇÃO DE EMPREENDEDORES NO CURSO TÉCNICO EM  
ADMINISTRAÇÃO DO INSTITUTO FEDERAL BAIANO – CAMPUS  
TEIXEIRA DE FREITAS**

**CAPACITATION OF ENTREPRENEURS IN THE TECHNICAL  
ADMINISTRATION COURSE OF INSTITUTO FEDERAL BAIANO –  
CAMPUS TEIXEIRA DE FREITAS**

**ÁREA TEMÁTICA: Ensino e Pesquisa em Administração**

Etiene Santiago Carneiro, IF Baiano, Brasil, [etiene.carneiro@ifbaiano.edu.br](mailto:etiene.carneiro@ifbaiano.edu.br)

Patrícia Ferreira Coimbra Pimentel, IF Baiano, Brasil, [patricia.pimentel@ifbaiano.edu.br](mailto:patricia.pimentel@ifbaiano.edu.br)

**Resumo**

A educação profissional e tecnológica, no modelo atual, tem como missão a formação de sujeitos para o exercício da cidadania e para a inserção no mundo do trabalho. Emergindo de mutações da dinâmica desse meio, durante o século XX, o empreendedorismo surge como alternativa frente ao esgotamento do modelo taylorista/fordista. Neste contexto, este trabalho tem como objetivo geral identificar o desenvolvimento das competências empreendedoras no curso Técnico em Administração do IF Baiano, a partir da visão dos seus egressos. Busca-se ainda traçar o perfil desses sujeitos, bem como identificar quais componentes curriculares do projeto pedagógico do curso estimulam a formação de empreendedores. Para tanto, dialoga-se com autores que estudam o fenômeno do empreendedorismo tais como Drucker, Dolabela, Baron & Shane, Biagio, Maximiano. De abordagem qualitativa, esta pesquisa é classificada como exploratória e utiliza o questionário on-line como método de coleta de dados, com lócus nos egressos que concluíram o curso Técnico de Administração, na modalidade subsequente ao ensino médio, entre 2015 e 2018. Os resultados demonstram que a formação do Técnico em Administração incentiva e fomenta o desenvolvimento de competências empreendedoras, cumprindo seu papel de formar cidadãos para o exercício da cidadania e da inserção no mundo do trabalho, gerando trabalho e renda no extremo sul da Bahia.

Palavras-chave: Empreendedorismo; Competências; Formação de Empreendedores; Educação profissional e tecnológica.

**Abstract**

Professional and technological education, in the current model, has as its mission the formation of subjects for the exercise of citizenship and insertion in the world of work. Emerging from mutations in the dynamics of this environment, during the twentieth century, entrepreneurship emerges as an alternative to the exhaustion of the Taylorist / Fordist model. In this context, this paper aims to identify the development of entrepreneurial skills in

the Technical Management course of IF Baiano, from the view of their graduates. It also seeks to profile these subjects, as well as identify which curriculum components of the pedagogical project of the course stimulate the formation of entrepreneurs. Therefore, it dialogues with authors who study the phenomenon of entrepreneurship such as Drucker, Dolabela, Baron & Shane, Biagio, Maximiano. From a qualitative approach, this research is classified as exploratory and uses the online questionnaire as a data collection method, with focus in the graduates who completed the Technical Administration course, in the mode after high school, between 2015 and 2018. The results show that the formation of the Technician in Administration encourages and fosters the development of entrepreneurial skills, fulfilling its role of forming citizens for the exercise of citizenship and insertion in the world of work, generating work and income in the extreme south of Bahia.

**Keywords:** (*Entrepreneurship; Skills; Entrepreneur Capacitation; Professional and technological education.*)

## 1. INTRODUÇÃO

O empreendedorismo é vislumbrado por especialistas, como um dos principais fatores de desenvolvimento econômico de um país. Tido como um fenômeno não só econômico, mas principalmente cultural e social, o empreendedorismo se fortaleceu no final do século XX e principalmente no início deste século, em virtude do esgotamento do modelo taylorista/fordista e das mutações do mundo do trabalho.

Segundo pesquisa do *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM), o Brasil possui uma das maiores taxas de empreendedorismo em estágio inicial (TEA) do mundo. A TEA refere-se à proporção de pessoas com idade entre 18 e 64 anos, que exercem alguma atividade em negócios novos com no máximo 03 (três) anos e 06 (seis) meses de existência. Esta mesma pesquisa também institui a taxa de empreendimentos estabelecidos (TEE) que “envolve os indivíduos que administram e são proprietários de negócios já consolidados que pagaram alguma remuneração aos seus proprietários por um período superior a 42 meses” (GEM,2018). Segundo o último relatório, a cada cinco brasileiros com idade entre 18 e 64 anos, dois estavam envolvidos com atividades empreendedoras.

Esta realidade não é diferente no município de Teixeira de Freitas-BA. Localizado no extremo sul da Bahia, com uma população estimada de 158.445 pessoas em 2018, segundo dados do IBGE, economia concentrada nos setores de serviços, indústria e agropecuária. A atividade empreendedora assume então um importante papel no desenvolvimento local, sendo uma das principais fontes de desenvolvimento sustentável para toda região. Nesta perspectiva, vale salientar a importância da formação de empreendedores, para que este cenário de desenvolvimento humano e socioeconômico possa estar sustentado em eficiência e inovação. Termos como plano de negócios, administração de riscos, planejamento estratégico, gestão financeira e de fluxo de caixa, são competências que devem ser aprendidas por todos que buscam sucesso e satisfação pessoal em seus empreendimentos.

Partindo dessas reflexões, esta pesquisa buscou responder a seguinte problemática: Como o curso Técnico em Administração do IF Baiano fomenta o desenvolvimento de competências empreendedoras em alunos do extremo sul baiano? Para tanto, dialoga-se com autores que estudam o fenômeno do empreendedorismo tais como Drucker, Biagio, Baron & Shane, Maximiano, Dolabela. Tem como objetivo geral identificar o desenvolvimento das competências empreendedoras no curso Técnico em Administração do Instituto Federal Baiano, a partir da percepção dos seus egressos. Têm-se como objetivos específicos, traçar o perfil desses sujeitos, identificar quais componentes curriculares do seu projeto pedagógico estimulam a formação de empreendedores e quais as expectativas dos egressos com relação a sua carreira profissional.

De abordagem qualitativa, esta pesquisa é classificada como exploratória e utiliza como método de coleta de dados, o questionário, desenvolvido a partir de formulário eletrônico denominado *Google Docs*. O lócus da pesquisa foram os egressos do curso Técnico em

Administração da modalidade subsequente do Instituto Federal Baiano, que concluíram o curso entre os anos de 2015 a 2018.

## 2. EMPREENDEDORISMO E A FORMAÇÃO DO EMPREENDEDOR

O empreendedorismo tem tido uma crescente valorização devido a uma nova ordem social que se constituiu no processo de transformação do sistema capitalista. No final dos anos 60, e principalmente nas décadas seguintes, inúmeras mudanças ocorreram e continuam acontecendo nas relações de trabalho e principalmente nas questões de emprego e renda. Até então, estas relações eram baseadas em empregos formais, estáveis e com carteira assinada. Com a crise do capitalismo, as grandes empresas tiveram que modificar suas estratégias competitivas e passaram, com o avanço da tecnologia, a terceirizar atividades secundárias, gerando cortes significativos de pessoal, diminuindo assim sua estrutura organizacional.

Bridges (apud PARDINI; SANTOS, 2008, p. 158) afirma que “o emprego seria apenas uma moldura para um trabalho que tem que ser feito, os empregos convencionais que envolvem carteira assinada e outros benefícios são considerados contingenciais”. Países em desenvolvimento como o Brasil, esta realidade é acentuada, e a substituição do emprego formal por empregos informais e temporários, ganha cada vez mais força.

Diante desta nova realidade, o empreendedorismo é visto como uma alternativa, já que “contribui significativamente para a economia, tanto no que diz respeito ao crescimento econômico quanto na geração de emprego e renda” (SCHERMA, 2012, p.2). Esta contribuição é dada tanto pelo estímulo à inovação, quanto ao crescimento econômico que possibilita. Segundo o Global Entrepreneurship Monitor (GEM), a existência de indivíduos dispostos aos riscos de empreender e viabilizar seu próprio negócio é um dos pilares do desenvolvimento econômico (GEM, 2010).

Cruz Junior, et.al (2006) afirmam que “a expressão empreendedorismo foi traduzida da palavra inglesa *entrepreneurship* que foi derivada do latim *imprehendere*. Seu correspondente empreender, surgiu na língua portuguesa no século XV” (p. 5). Segundo Dornelas (2014), “a origem do termo vem do francês *entrepreneur* e quer dizer aquele que assume riscos e começa algo novo” (p.9).

O termo empreendedorismo foi utilizado pela primeira vez no ano de 1.800, por Jean Batist Say, que é considerado por muitos estudiosos como o pai do empreendedorismo (DRUCKER, 2010, p. 27). Em 1959, Schumpeter define empreendedor como o “agente do processo de destruição criativa, entendido como o impulso fundamental que aciona e mantém em marcha o motor capitalista, constantemente criando novos produtos, novos métodos de produção, novos mercados e implacavelmente, sobrepondo-se aos antigos métodos eficientes e mais caros” (SHUMPETER apud MENEZES, 2010, p.1). Peter Drucker, considerado o pai da administração moderna, fala pela primeira vez em empreendedorismo na década de 70. Em 1986, lança a obra *Inovação e Espírito Empreendedor*, onde afirma que nem todos os pequenos negócios novos são empreendedores ou representam empreendimento. Ele afirma:

Reconhecidamente, todas as pequenas empresas novas têm muitos pontos em comum. Entretanto, para ser empreendedora, uma empresa tem que possuir características especiais, além de ser nova e pequena. Na verdade, os empreendedores constituem a minoria dentre as pequenas empresas. Eles criam algo novo, algo diferente; eles mudam ou transformam valores. (DRUCKER, 2010, p.29)

Dentro desta perspectiva, pode-se definir empreendedorismo como uma maneira de se fazer algo, novo ou não, com a intenção de atingir objetivos e resultados tangíveis. Segundo Biago (2012), empreendedorismo é a área do conhecimento dedicada a estudar os processos de idealização de empreendimentos, destacando tanto o valor de uma ideia como a sua capacidade

de agregar valor ao que já existe (produto e processo). Iniciar uma nova empresa partindo de uma ideia inovadora, adquirir uma empresa já existente, assumindo os riscos do negócio e visualizar oportunidades de melhoria, agregando valor à empresa, são as diversas formas de empreendedorismo.

O empreendedorismo analisado como um processo traz a ideia das oportunidades geradas por três fatores distintos. As condições sociais, as mudanças tecnológicas e as mudanças sociais. Estes fatores levam pessoas com características próprias, capazes de reconhecer estas oportunidades a criar algo novo, e este novo, necessariamente não precisa ser um novo produto ou serviço. Baron e Shane (2011) dizem que “pelo contrário, pode se tratar de reconhecer uma oportunidade para desenvolver um novo mercado, usar uma nova matéria-prima ou desenvolver um novo meio de produção” (p. 7). Esta descoberta ou coisa nova deve ter uma aplicação comercial. Inventar, criar ou reconhecer uma ideia, um produto ou serviço não é o suficiente. É preciso explorá-la comercialmente para que esta nova descoberta gere oportunidades de negócios.

A partir desta definição de empreendedorismo, a pessoa que pensa, realiza e agrega valor a uma ideia, pode ser chamada de empreendedor. O empreendedor é a pessoa que vê oportunidades onde outras pessoas veem somente ameaças (BIAGIO, 2012). Dolabela, citando Filion (1991), diz que empreendedor é uma pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões (FILION, apud DOLABELA, 2008, p. 23). Dolabela afirma ainda que o empreendedor é um ser social, produto do meio em que vive (época e lugar) e principalmente um fenômeno local, já que o perfil do empreendedor pode variar de um local para outro.

Há muitas definições para empreendedor e muitos autores buscam diferenciar o empreendedor do empresário, do capitalista, do “patrão”, do empregador. Jean Batist Say, por volta de 1800, dizia que o empreendedor era a pessoa que “transfere recursos econômicos de um setor de produtividade mais baixa para um setor de produtividade mais elevada e de maior rendimento” (DRUCKER, 2010, p.27). Drucker afirma que apesar de inovador, a definição de Say não diz quem é esse empreendedor. O pai da administração moderna diz que o empreendedor é a pessoa que “vê a mudança como norma e como sendo sadia. Geralmente, ele não provoca a mudança por si mesmo. O empreendedor sempre está buscando a mudança, reage a ela, e a explora como sendo uma oportunidade” (Ibidem, p. 36).

A partir destas definições, surge uma dúvida sobre a pessoa do empreendedor. Um indivíduo já nasce ou aprende a ser um empreendedor? Maximiano (2012) afirma que existem traços de personalidade que estão diretamente relacionados à pessoa do empreendedor. Ele cita como os principais traços de personalidade do empreendedor a criatividade, capacidade de implementação, disposição para assumir riscos, senso de independência, perseverança e otimismo. Contudo, muitos autores afirmam que para empreender é preciso além de características e traços de personalidade é preciso atitude e comportamento. Drucker afirma:

Qualquer indivíduo que tenha à frente uma decisão a tomar pode aprender a ser um empreendedor e se comportar empreendedorialmente. O empreendimento é um comportamento, e não um traço de personalidade. E suas bases são o conceito e a teoria, e não a intuição. (DRUCKER, 2010, p. 34)

A partir desta afirmação, diversos autores falam destes traços de comportamento e afirmam que, para um indivíduo adquirir o perfil empreendedor é preciso desenvolver características como ser realizador, planejador, realista, comprometido, determinado, ter disposição e energia, precisa gostar de lidar com pessoas e principalmente querer aprender sempre.

Nesta perspectiva, afirma-se que por não se tratar de um traço da personalidade, é possível desenvolver o espírito empreendedor. Este espírito empreendedor é uma característica distinta. Para tanto, é preciso desenvolver técnica, metodologia. Muitos são os desafios do

empreendedor, e para enfrentá-los é preciso, além de prática, fundamentação teórica de como planejar, executar e controlar o seu empreendimento.

A formação do empreendedor vem para preencher lacunas que só a prática não preenche. Dolabela (2008) afirma que o empreendedor precisa ser alguém preparado para aprender a aprender. A respeito do tema ele afirma:

É verdade que muitos empreendedores de sucesso abriram suas empresas sem conhecer exatamente o que é um Plano de negócios. Mas também é certo que milhares de outros colheram insucessos fatais por causa de erros elementares que poderiam ter sido evitados. Sem dúvida, grande número de negócios de alto potencial torna-se inviável em virtude do despreparo dos empreendedores. (DOLABELA, 2008, p. 14)

Para este autor, o empreendedor aprende primeiro, traçando os objetivos e estabelecendo onde quer chegar. Após esta fase, busca-se então os conhecimentos e os meios necessários para alcançar tais objetivos. No entanto, não há como garantir o sucesso de um empreendimento. O que se busca são elementos que permitam a diminuição do risco, e não a sua eliminação.

Formar empreendedores é, portanto, um grande desafio e uma alternativa à tendência das universidades em formar empregados e gerentes de grandes empresas. A Administração enquanto ciência tem pouco mais de 100 anos, e desde os seus primórdios, com a abordagem científica de Taylor e a abordagem burocrática de Weber, a Administração era vista e estudada no âmbito das grandes empresas. Segundo Drucker (2010), esta tendência é baseada na crença de que sabíamos administrar o que era grande e não sabíamos realmente o que era administrar pequenos empreendimentos. Mas, durante os últimos 10 anos, esta tendência está sendo revertida, já que percebe-se que a Administração pode ser tanto mais necessária aos pequenos empreendimentos do que na grande empresa. Drucker (2010) afirma que acima de tudo, a Administração, conforme sabemos agora, tem tanto a contribuir para a empresa empreendedora nova, quanto para a empresa “administrativa” existente.

Muitos pesquisadores acreditam que é possível a formação de empreendedores. Quando se fala da formação de empreendedor, o modelo tradicional de ensino mostra-se insuficiente, fazendo-se necessário uma metodologia de ensino inovadora. A respeito disso Dolabela afirma:

Não é possível transferir conhecimentos empreendedores, ao contrário do que acontece, por exemplo, em uma aula de geografia, porque o empreendedorismo não é um conteúdo cognitivo convencional. Nesse sentido, não é possível ensinar, mas é possível aprender a ser empreendedor, desde que por meio de um sistema bastante diferente do ensino tradicional. (DOLABELA, 2008, p. 24)

Conteúdos de finanças, marketing, planejamento estratégico e gerenciamento deve ser apresentado aos graduandos do curso de Administração e potenciais empreendedores, de forma simples, de modo a facilitar a compreensão e a utilização das técnicas e ferramentas administrativas nas pequenas e médias empresas. O aluno precisa estabelecer relações que deem suporte ao futuro negócio, sendo este um dos pontos fundamentais durante o processo de ensino-aprendizagem. E ainda assim, segundo Dolabela “mesmo que uma pessoa domine muito bem todas as técnicas e ferramentas para administrar uma empresa, isso não quer dizer que, necessariamente, será um empreendedor de sucesso” (DOLABELA, 2008, p18).

## **2.1 O PERFIL DO EMPREENDEDOR E AS COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS**

Como nem toda pequena empresa que surge, pode ser chamada de empresa empreendedora, nem todo pequeno empresário, pode ser chamado de empreendedor. Como descrito anteriormente, para que alguém possa ser chamado de empreendedor, é preciso criar

algo novo, algo diferente. É preciso criar ou transformar valores. Há uma diferença entre o empreendedor e o empresário. A respeito disso, Maximiano diz que:

O empresário representa o lado formal, que estabelece um negócio e o conduz no dia a dia. Já o empreendedor encarna o lado criativo e inovador, essencial para a evolução e a atualização competitiva da empresa. O empresário tem vocação administrativa; o empreendedor está na ponta de lança estratégica. Todo empresário precisa ser continuamente empreendedor. (MAXIMIANO, 2012, p.4)

O empreendedor possui características próprias e muitos autores procuram estudar e definir o perfil do empreendedor. DRUCKER (2010) afirma que o empreendedor vê a mudança como norma e como sendo sadia, tendo consciência que a atividade empreendedora possui riscos. Ele afirma que empreender é uma iniciativa “arriscada”, principalmente porque tão poucos dos assim chamados empreendedores sabem o que estão fazendo. Falta a eles metodologia (p. 38).

Concordando com as ideias de Peter Drucker, Dolabela (2008) diz que um dos principais motivos de fracasso de novos empreendimentos, é a ausência de um conjunto de conhecimentos necessários ao empreendedor de sucesso: *Know How* tecnológico e o domínio de ferramentas gerenciais. É preciso desenvolver ou aprimorar características necessárias à atividade empreendedora e para isto acontecer é preciso primeiramente conhecer tais características, definindo o perfil do empreendedor.

Dolabela (2008) cita a pesquisa de Timomons (1994) e Hornaday (1982). Ele destaca que muitas destas características já são inerentes a pessoa e que se faz necessário apenas despertá-las ou aprimorá-las, e outras características podem ser aprendidas. Ele apresenta um resumo com características como iniciativa, autonomia, otimismo, confiança e principalmente uma necessidade incontestável de realização. O empreendedor tem um “modelo”, uma pessoa que o influencia, que se refere a alguém muito próximo que admira e mostra através dos seus atos, como a atividade empreendedora é fascinante. O empreendedor tem outra característica que é a perseverança e a tenacidade, e muitas vezes considera o fracasso como um resultado como outro qualquer. Ele procura aprender com os próprios erros, tirando alguma vantagem de eventuais resultados negativos. O empreendedor sabe fixar metas e se dedica intensamente ao trabalho na busca de atingi-las.

Outra característica destacada por Dolabela (2008), é que o empreendedor diferencia-se dos demais empresários, pois luta contra padrões impostos. Ele tem a capacidade de ocupar espaços não ocupados por outros no mercado, e através de uma intuição apurada, descobre novos nichos. O empreendedor é conhecido por ser um sonhador, mas age com racionalidade. Ele não é aventureiro, e apesar de saber dos riscos inerentes ao negócio, procura assumir riscos moderados. Gosta do risco, mas faz tudo para minimizá-lo. O empreendedor eficaz conhece bem o ramo em que atua e mantém alto nível de consciência do ambiente que o cerca e usa isto para detectar oportunidades de negócios.

A pesquisa revela uma característica importante do empreendedor. Além da proatividade e da liderança, o empreendedor define o que deve aprender e cria situações para obter *feedback* sobre o seu comportamento. A partir deste feedback, utiliza tais informações para se aprimorar. Preocupa-se em aprender a aprender, criando um método próprio de aprendizagem, aliando teoria e prática. Aprende a partir do que faz e sabe utilizar e controlar os recursos existentes.

Desenvolver, despertar e aprimorar tais características deve fazer parte da missão e objetivos dos cursos de Administração de todo o país. Os formandos dos cursos de administração precisam de formação não só para trabalhar em grandes empresas. É preciso formar administradores capazes de criar e gerir seu próprio empreendimento. Baron e Shane

(2011) afirmam que o processo empreendedor não termina com a descoberta de uma oportunidade e com o lançamento do novo empreendimento. “O processo empreendedor envolve a capacidade de administrar uma nova empresa com sucesso após a sua criação” (p. 6). É de vital importância ver o empreendedorismo como um processo que se desenvolve e se move por meio de fases distintas ao longo do tempo.

Quando uma ou mais pessoas reconhecem uma oportunidade, a partir de fatores econômicos, sociais e tecnológicos, dá-se início o processo empreendedor. A segunda fase diz respeito à decisão de buscar uma aplicação comercial a esta descoberta e reunir os recursos necessários para iniciar esta atividade. Baron e Shane (2011) afirmam que a decisão inicial de ir em frente, fazer algo efetivo em relação à ideia ou à oportunidade, se faz necessária. (p. 14). É preciso então levantar as informações necessárias e principalmente reunir os recursos básicos, sejam eles recursos humanos, financeiros e técnicos, para se iniciar o empreendimento. Muitos aspirantes a empreendedores pecam nesta fase do processo, pois não sabem ou quando o fazem, são baseados em informações errôneas a respeito do mercado em que irão atuar. Baron e Shane dizem que:

Sem dúvida, há uma lição moral importante para empreendedores em muitas histórias de produtos novos que falharam: antes de começar um empresa nova, é crucial que os empreendedores reúnam várias informações básicas que indicarão se seu novo empreendimento é realmente possível, que forma específica os novos produtos e serviços devem ter e como esses produtos e serviços podem ser efetivamente comercializados. Em outras palavras, conforme a citação sugere, os empreendedores devem prestar muita atenção aos fatos, reuni-los e interpretá-los; não fazer isso pode levar a resultados desastrosos. (BARON & SHANE, 2011, p.94)

Nesta etapa, saber elaborar um plano de negócio, uma das principais ferramentas gerenciais para quem decide abrir um novo empreendimento, é muito importante. Um plano de negócio bem preparado e fundamentado ajudará no processo de planejamento. Dolabela (2008) diz que o Plano de negócio é uma linguagem para descrever de forma completa o que é ou o que pretende ser uma empresa.

É na elaboração do plano de negócio que serão levantados as informações sobre o mercado, determinando assim o que os clientes realmente querem. Para levantar as informações sobre o mercado, o aspirante a empreendedor, deve utilizar técnicas diretas e indiretas de coleta de informações, tais como pesquisas, mapeamento das dimensões principais do produto e discussões em grupo. Esta etapa é de vital importância para compreensão de como os clientes avaliam o novo produto ou serviço.

Além de levantar informações sobre o mercado, é preciso pesquisar os regulamentos e as políticas governamentais que afetam diretamente o novo empreendimento. Negligenciar estas informações pode tornar o novo produto não-comercializável, devido a barreiras legais impostas por políticas governamentais.

Feito isto, é preciso levantar os recursos necessários, sejam eles financeiros, técnicos e não menos importante, os recursos humanos. O plano de negócio auxilia neste processo, pois busca identificar estes recursos, como alcança-los e qual a quantidade necessária. Nesta fase, o empreendedor busca estimar as necessidades financeiras, relacionar os custos iniciais e a destinação destes recursos financeiros.

O plano de negócio busca identificar o ponto de equilíbrio, taxa interna de retorno e o valor presente líquido. O ponto de equilíbrio é definido por Dolabela (2008) “como o nível de faturamento necessário para que a empresa possa cobrir, exatamente, os seus custos, atingindo assim o lucro operacional igual a zero” (p. 223). Já a taxa interna de retorno é uma das técnicas mais usadas para avaliação das alternativas de investimento. “O valor presente líquido é a

projeção de um determinado valor do saldo de caixa no final de um determinado período, com uma taxa que o empreendedor desejaria obter, subtraído o valor de seu investimento inicial” (p. 225).

O plano de negócio ainda auxilia na identificação dos riscos de negócio e busca descrever o que pode dar errado e ajuda o empreendedor a elaborar estratégias que visam minimizar estes riscos. Para que o empreendedor consiga elaborar este plano de negócio, se faz necessário conhecer as técnicas administrativas tão bem ensinadas e voltadas para as grandes corporações.

A terceira etapa do processo empreendedor, diz respeito ao lançamento do novo empreendimento. Baron e Shane (2011) afirmam que muitos novos empreendedores não entendem a complexidade desta etapa, e isto acaba sobrecarregando a pessoa do empreendedor com problemas que poderiam ser evitados. Esta fase envolve uma série de ações e decisões como escolher o formato jurídico do empreendimento, desenvolver o novo produto ou serviço e até mesmo definir os papéis da equipe que irá administrar o novo empreendimento. Mais uma vez, se faz necessário técnicas administrativas para a definição das vantagens competitivas, descrição das estratégias e formação de possíveis alianças.

A próxima etapa é da administração e gestão do novo empreendimento. Baron e Shane (2011) dizem que embora a transição entre uma ideia e uma empresa em atividade seja um grande progresso, é apenas o início de outra importante fase do processo empreendedor: “administrar um novo empreendimento e transformá-lo em uma empresa lucrativa e em crescimento” (p. 14). Nesta fase o empreendedor acaba tendo de enfrentar diversos obstáculos e conceber uma forte estratégia de negócios é um aspecto muito importante. Mais uma vez, identificar e aprimorar as habilidades e competências dos empreendedores, destacando o papel destes em todas as fases do processo empreendedor, é de vital importância para o sucesso do empreendimento.

## **2.2 A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DO EMPREENDEDOR NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

A educação profissional e tecnológica (EPT) sofreu diversas transformações desde a sua concepção em 1909, com as escolas de aprendizes e artífices. De caráter assistencialista, era destinada aos desvalidos da sorte e durante todo o século XX, apresentou um caráter dualista, onde lhes era cerceado uma formação pautada nas ciências, nas artes e na cultura. O objetivo era formar mão-de-obra para o mercado de trabalho, mas sem possibilitar o desenvolvimento da autonomia.

Em 2008, com o esforço de integração entre a EPT e o ensino médio, o governo brasileiro aprova a Lei 11.892 de 29 de dezembro instituindo a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica e cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, a partir dos CEFET's e Escolas Técnicas, definindo-os como instituições de educação superior, básica e profissional, multicampi, especializados na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino. Os institutos tem autonomia administrativa, patrimonial, didático-pedagógica e financeira e tem como principal missão a formação de sujeitos para o exercício da cidadania e a sua preparação para a inserção no mundo do trabalho.

Criado a partir dessa lei que instituiu a rede, o IF Baiano possui atualmente 14 campi distribuídos em diversos territórios de identidade do estado da Bahia. O campus Teixeira de Freitas, tem sua origem nas Escolas Médias Agropecuária Regionais (EMARC's) e conta com mais de 30 anos de experiência na formação de Técnicos em Agropecuária. Atualmente, o campus oferece cursos técnicos nas modalidades integrado e subsequente, curso superior e especialização. Com relação aos cursos técnicos, foco dessa pesquisa, são ofertados vagas, na modalidade integrado, os cursos Técnico em Administração, Agropecuária e Florestas e na

modalidade subsequente esses mesmos cursos, além do curso Técnico em Hospedagem. Os cursos da modalidade integrado tem duração de três anos e os cursos da modalidade subsequente tem duração de um ano e meio.

Na perspectiva de preparação de sujeitos para a inserção no mundo do trabalho, o curso Técnico em Administração, aprovado pela Resolução nº 36 de 18 de Outubro de 2013, tem como objetivo:

Formar profissional habilitado para atuar junto ao setor de administração de empresas ou como gestor de sua própria empresa, com capacidade de avaliar e auxiliar na tomada de decisões nas áreas de pessoal, marketing, financeira, econômica e afins, de acordo com os princípios éticos, humanos, sociais e ambientais. (PPC, 2013, p15)

Com duração de três anos, a modalidade integrado ao ensino médio tem uma carga horária de 3.720 horas, distribuída entre as disciplinas do núcleo comum, diversificado e tecnológico, mais 200 horas de estágio curricular supervisionado, totalizando assim 3.920 horas. Já a modalidade subsequente ao ensino médio, tem a duração de três semestres, com disciplinas de eixo profissional distribuídas em 1.120 horas, mais as 200 horas de estágio curricular supervisionado, totalizando 1.320 horas. Em ambas as modalidades, o curso tem a finalidade de:

Contribuir para a formação de cidadãos críticos e conscientes de suas possibilidades, capazes de lidar com as adversidades do mundo, nos aspectos políticos, socioeconômicos e pessoais e colaborar para a transformação do meio em que estão inseridos e formar profissionais com sólida formação humanística e que demonstrem compreensão com todo administrativo, de modo integrado, sistêmico e estratégico, bem como suas relações com o meio externo. (PPC, 2017, p.15)

Com relação ao perfil do egresso, o PPC do curso destaca uma série de habilidades e competências que, de acordo com as diretrizes curriculares do MEC, precisam ser desenvolvidas. Capacidade de lidar com incertezas, visão holística, projetar cenários, contribuir para o desenvolvimento regional, desenvolver raciocínio lógico, crítico e analítico, revelar criatividade e espírito empreendedor, visão estratégica e humanística e a capacidade de transferir conhecimentos da vida e das experiências cotidianas para o ambiente de trabalho, são destacados como vitais para o exercício autônomo da profissão de Técnico em Administração.

Zarifian (apud Zampier; Takahashi; Fernandes 2012), define “competência como um entendimento prático de situações que se apoia em conhecimentos adquiridos e os transforma na medida em que aumenta a diversidade das situações, enfatizando a dinâmica da aprendizagem como essencial no procedimento da competência” (p. 107). Tais competências e habilidades devem permitir aos formandos do curso Técnico de Administração, aplicar os conteúdos adquiridos durante sua formação, em diferentes modelos de organizações, incluindo negócios próprios.

Dentro desta perspectiva, destaca-se a necessidade de disponibilizar disciplinas que possam desenvolver nos formandos dos cursos técnicos o perfil empreendedor. Dolabela defende a inserção da educação empreendedora para crianças e adolescentes, e principalmente a formação de empreendedores nos cursos superiores. Dirigindo um programa, denominado “Pedagogia Empreendedora”, ele afirma:

É o início de uma revolução... o ensino do empreendedorismo como

instrumento para o crescimento econômico e o desenvolvimento social, por meio do estímulo à criatividade e autonomia das pessoas. Fazer com que em todos os cursos, da educação infantil, ensino fundamental e médio até a graduação e pós-graduação, exista sempre um conteúdo sobre empreendedorismo. Mudar a visão dos cursos. O mais importante, daqui para frente, não é o saber fazer, o know-how, mas encontrar e agarrar oportunidades, fazer algo que possa significar valor positivo para os outros. O conhecimento acadêmico, científico, é indispensável, mas insuficiente. Estudantes de todos os cursos precisam saber empreender, e não se ater somente aos conhecimentos específicos da sua área. A capacidade de criar algo só se aprende na ação e quando se tem perfil para isso. E esse perfil pode ser adquirido. (DOLABELA, 2008, p. 187)

Assim, torna-se relevante uma reflexão sobre o ensino do empreendedorismo nas instituições que ofertam educação profissional, afim de cumprir seu papel social de formar sujeitos autônomos para inserção no mundo do trabalho e o exercício da cidadania.

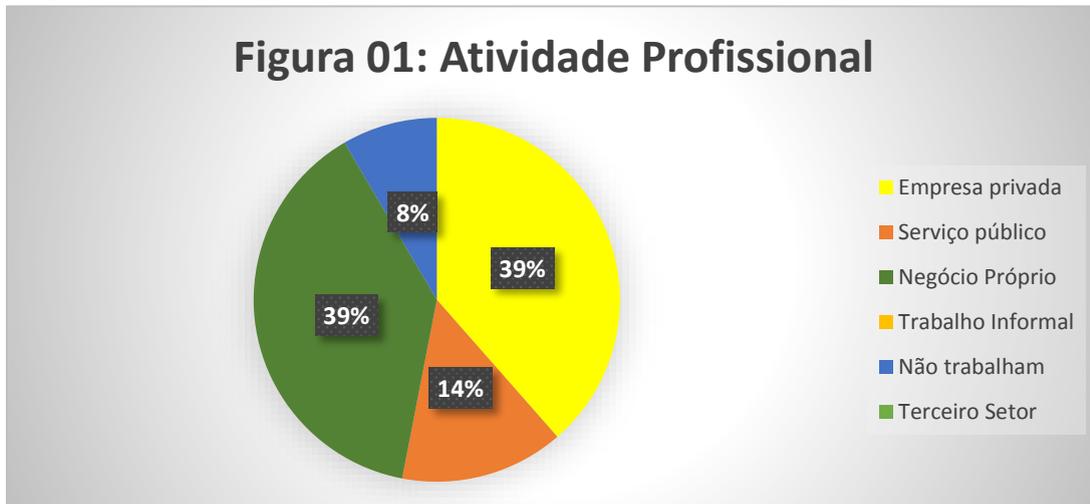
### **3. ANÁLISE DOS RESULTADOS**

A presente pesquisa tem abordagem qualitativa e é classificada como exploratória visto que “tem como principal finalidade, desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 2008, p. 27). O lócus da pesquisa são os egressos do curso Técnico em Administração do IF Baiano, campus Teixeira de Freitas-Ba, que concluíram o curso, na modalidade subsequente, entre os anos de 2016 a 2018. Como método de coleta de dados, utilizou-se o questionário on-line, desenvolvido através da plataforma *Google Docs*, com 11 perguntas de múltipla escolha. Dos 57 egressos do curso na modalidade escolhida, 21 pessoas responderam à pesquisa entre os dias 14/07/19 a 19/07/19, o que corresponde a 37% do total de técnicos formados pelo instituto.

Com relação ao perfil dos egressos, 75% são mulheres e 25% são homens, sendo que 62,5% estão na faixa etária de 18 a 25 anos, 12,5% estão na faixa de 26 a 35 anos, 20,8% tem entre 36 a 45 anos e os demais possuem mais de 45 anos de idade. 5% dos respondentes concluíram o curso em 2018 e 25 % em 2017. Não tivemos respondentes que concluíram o curso em 2016.

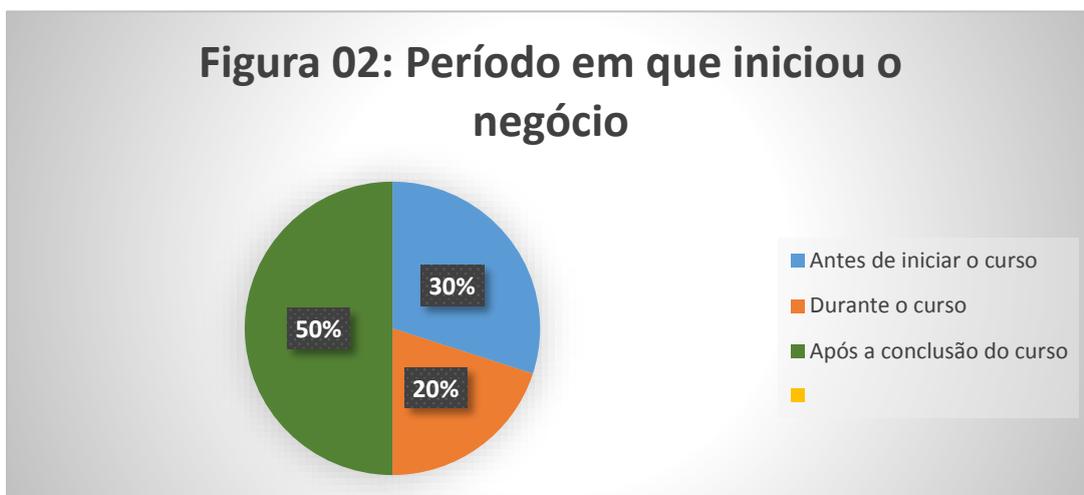
Com relação à ocupação atual do egresso, a pesquisa concluiu que 45,8% dos egressos trabalham e estudam, 33,3% apenas trabalham, 12,5% apenas estudam e 8,3% não trabalham e nem estudam. Com relação a atividade profissional dos egressos que estão inseridos no mundo do trabalho, a pesquisa identificou aproximadamente 38% exercem suas atividades em

empresas privadas, 14% atuam no serviço público e 38% são empreendedores, ou seja, possuem um negócio próprio.



Dos 38% que possuem negócio próprio, aproximadamente 66% dos negócios estão inseridos no setor de comércio, 25% atuam na prestação de serviços e 8% estão inseridos no setor industrial. Questionados qual o motivo que os levaram a abrir um negócio, 54,5% responderam que empreenderam por vislumbrar uma oportunidade e 45,5% por necessidade, abaixo da média nacional que é de 61,8% para o empreendedorismo de oportunidade e 37,8% de empreendedorismo por necessidade, segundo pesquisa GEM 2018.

A pesquisa buscou identificar em qual momento os egressos se decidiram por abrir um negócio. Os resultados demonstram que aproximadamente 50% dos entrevistados iniciaram o novo negócio após a conclusão do curso, demonstrando o quanto os conhecimentos adquiridos ao longo da formação do Técnico em Administração foi relevante para que isto pudesse se tornar uma realidade.



Em 100% dos casos, responderam que o curso Técnico em Administração do IF Baiano contribuiu para a decisão do egresso abrir um negócio, onde 33,3% dos entrevistados

destacaram que o curso incentiva visão empreendedora e 66,7% destacaram que os conhecimentos técnicos adquiridos durante o curso favorecem o desenvolvimento de competências empreendedoras. Com relação aos componentes curriculares que mais contribuíram para o desenvolvimento dessas competências, 35,3% destacaram a disciplina de Empreendedorismo, 29,4% destacaram a disciplina de administração financeira e 17,6% destacaram o componente curricular administração da produção como sendo relevantes.

Por fim, a pesquisa buscou identificar quais as expectativas dos egressos para a sua carreira profissional e constatou que:



Os resultados demonstram que aproximadamente 48% dos entrevistados têm o desejo de abrir um negócio próprio, o que mostra o quanto o curso busca desenvolver em seus alunos visão e competências empreendedoras.

## CONCLUSÃO

O empreendedorismo é de vital importância para o desenvolvimento sustentável do país, e principalmente para o desenvolvimento da economia local. O presente trabalho buscou analisar como a formação do Técnico em Administração do IF Baiano fomenta o desenvolvimento de competências empreendedoras no extremo sul da Bahia, a partir da visão dos egressos que concluíram o curso entre os anos de 2016 e 2018. Constatou-se que o curso, desde a sua concepção através do seu projeto pedagógico até as ações desenvolvidas, buscam incentivar visão empreendedora e principalmente desenvolver competências que possibilitem o discente a empreender e inovar.

Ao estimular a formação do empreendedor na educação profissional e tecnológica, o IF Baiano cumpre seu papel de preparar cidadãos para o exercício da cidadania e para a inserção no mundo do trabalho de maneira autônoma, exercendo liderança profissional, intelectual e econômica no campo de atividades a que se propõem, com capacidade para criar e gerar novos negócios, fomentando a economia local e gerando emprego e renda.

Sendo assim, conclui-se que a pedagogia empreendedora deve fazer parte das matrizes curriculares, para que a carência na formação de empreendedores possa ser superada, tendo em

vista as diretrizes curriculares nacionais do curso Técnico em Administração que objetiva dentre diversos aspectos a promoção de práticas voltadas ao desenvolvimento profissional dos discentes revelando competências e habilidades na atividade empreendedora. Ao possibilitar o desenvolvimento da capacidade de transferir informações da vida e da experiência cotidiana, aliados as habilidades como iniciativa, criatividade e determinação, os novos técnicos devem ter condições de identificar e administrar novos empreendimentos, implementando os conhecimentos e técnicas administrativas durante todo o processo empreendedor.

Através do ensino do empreendedorismo, busca-se despertar nos formandos do curso Técnico em Administração o interesse pela prática empreendedora, e possibilite a estes discentes e futuros empreendedores, através do ensino e da pesquisa, o desenvolvimento das competências necessárias para o sucesso profissional.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R.S.S.; AZEVEDO, J.A.M. Análise do ensino do Empreendedorismo nos cursos de Graduação em Administração nas regiões Centro-Sul, Médio Paraíba e Serrana do Estado do Rio de Janeiro. XV Encontro Latino Americano de Iniciação Científica. Rio de Janeiro, p. 1-6, 2011.
- BRASIL. Lei Nº 11.892, de 29 de Dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências.
- BARON, R. A.; SHANE, S. A. Empreendedorismo: uma visão do processo. Tradução All Tasks. São Paulo: Cengage Learning, 2011.
- BIAGIO, L.A. Empreendedorismo: construindo seu projeto de vida. 1 Ed. Barueri, SP: Manole, 2012.
- CARVALHO, H. G. Empreendedorismo: Como planejar e administrar seu negócio. 1 Ed. Rio de Janeiro: Editora Ferreira Negócios, 2009.
- CRUZ JUNIOR, J.B.; ARAÚJO, P.C.; WOLF, S.M.; RIBEIRO, T.V.A. Empreendedorismo e educação empreendedora: Confrontação entre a teoria e prática. Revista de Ciência da Administração. São Paulo, v.8 n. 15. Jan/Jun., 2006.
- DOLABELA, F. O Segredo de Luísa. Uma ideia, uma paixão e um plano de negócios: como nasce o empreendedor e se cria uma empresa. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.
- DORNELAS, J.C.A. Empreendedorismo: transformando ideias em negócios. 5 Ed. Rio de Janeiro: Empreende/LTC, 2014.
- DRUCKER, P.F. Inovação e espírito empreendedor: Práticas e princípios; tradução de Carlos Malferrari. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- FLORES, D.C.; HOELTGEBAUM, M.; SILVEIRA, A. O ensino do empreendedorismo nos cursos de pós-graduação em Administração no Brasil. Revista de Negócios, ISSN. Blumenau-SC, v.13, n.2, p. 93-104, Abril/Junho, 2008.
- GEM, Empreendedorismo no Brasil – Global Entrepreneurship Monitor, 2018. Relatório Executivo. Disponível em <https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2019/02/Relat%C3%B3rio-Executivo-Brasil-2018-v3-web.pdf>. Acesso em 01/07/2019
- GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. – 6 ed. – São Paulo: Atlas, 2008.
- MAXIMIANO, A.C.A. Empreendedorismo. São Paulo, SP. Pearson Prentice Hall, 2012.

MENEZES, R.K. Destruição Criativa. Disponível em [www.administradores.com.br](http://www.administradores.com.br). Acesso em 15/04/2014.

PARDINI, D.J.; SANTOS, R.V. Empreendedorismo e interdisciplinaridade: uma proposta metodológica no ensino de graduação. Revista de Administração da FEAD-Minas. Minas Gerais, v.5, 2008.

SCHERMA, M.A. Empreendedorismo e crescimento econômico. 2012. Disponível em [www.fasf.com.br](http://www.fasf.com.br) acesso em 02/04/2014.

ZAMPIER, M.A.; TAKAHASHI, A.R.W.; FERNANDES, B.H. Sedimentando as bases de um conceito: as competências empreendedoras. Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas-REGPE. Paraná, v. 1 n. 1. Jan/Abril, 2012.